

Apresentação

*Rachel Soihet**

*Sônia Regina Rebel de Araújo***

O presente dossiê ocupa-se de tema muito em evidência – as relações entre a História e a Literatura. Sua diversidade temática e temporal, que apresenta aspectos das pesquisas de vários historiadores, demonstra a pluralidade de objetos e metodologias que as relações entre História e fontes ficcionais permitem abranger. Seus temas abordam os pobres urbanos, os camponeses e os vagabundos da Idade Média e da Idade Moderna, o cotidiano dos populares do Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, os intelectuais do Rio de Janeiro e um intelectual específico, Luiz da Câmara Cascudo, a violência na Argélia, desde o período da guerra de independência até a década de 1990, a discussão sobre ficção científica e as transcódificações de um conto famoso, *Um Ruído de Trovão*, para Histórias em Quadrinhos (HQ) e para um seriado de TV.

O que unifica tão amplo espectro temático e temporal? Para além do fato de os autores convidados analisarem narrativas ficcionais, apontaríamos duas constantes: a primeira diz respeito à ênfase que os articulistas conferem às relações entre a ficção e o real vivido ou, ainda, as relações entre as épocas e a produção literária de cada uma; a segunda discute a pertinência do conceito de *representação* para os estudos históricos.

O real e o imaginário nos Fabliaux medievais, de José Rivair Macedo, apresenta-nos estas peças pícaras em que, de forma jocosa, se mostram as visões de autores identificados com a nobreza dos séculos XIII e XIV sobre o cotidiano dos populares das cidades medievais, especialmente as do norte da

* Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

** Professora do Departamento de História da UFF.

França. O autor discute as características deste gênero literário, demonstrando em que consistia a sua comicidade e quais os elementos sociais ridicularizados: camponeses, pobres urbanos, membros do clero, em contraposição à nobreza, sempre enaltecida. Considera igualmente as relações entre tais narrativas e a justiça, pois a matéria-prima de diversos *fabliaux* é o crime e sua respectiva punição. As relações entre o real vivido e a ficção são exemplarmente exploradas neste texto, pois a historicidade de vários episódios ficcionais – referimo-nos particularmente ao julgamento de animais – é pontuada nestes contos. Por outro lado, nem sempre os *fabliaux* retratam fielmente o pensamento e a realidade medieval, mas o imaginário também faz parte do real, conclui o autor.

Em sua reflexão sobre as representações dos vagabundos e dos pícaros na pintura e na literatura da Idade Moderna, *A construção estética da realidade – vagabundos e pícaros na Idade Moderna*, de Roger Chartier, acentua a indistinção entre a realidade social e suas representações, enfatizando o conceito de representação como um precioso apoio para a articulação entre as diversas relações que os indivíduos e os grupos mantêm com o mundo social. Empiricamente, demonstra tal articulação através do retumbante êxito da literatura da marginalidade, expressa em quatro textos incorporados à de cordel do século XVII, num momento de crescimento urbano, em que ocorre o aumento sem precedentes do número de mendigos e vagabundos nas cidades européias. Afirma Chartier que a marginalidade é um fenômeno tanto ideológico como econômico. Isto porque, durante os séculos XVI e XVII, em toda a Europa, os pícaros e os vagabundos adquiriram uma realidade plasmada pelos escritores e pelos pintores, com a qual se atemorizavam e se compraziam seus leitores e espectadores. Portanto, se as obras estéticas não são meros documentos do passado, também é certo que, entre verdade e ficção, elas organizam as experiências partilhadas ou singulares que constroem o que se pode considerar como real.

O texto de Magali Engel – *Modernidade, dominação e resistência: as relações entre capital e trabalho sob a ótica de João do Rio* – analisa as representações sobre trabalho e trabalhadores no período logo após a abolição da escravidão, a partir de algumas crônicas de João do Rio, comparando sua visão de mundo com as elaboradas por dois de seus contemporâneos, Lima Barreto e Olavo Bilac. Este enfoque comparativo é um dos aspectos mais interessantes deste trabalho. Acentua a ambigüidade de João do Rio, capaz de formular uma dura

crítica à miséria presente na sociedade, ao mesmo tempo, porém, em que associava miséria à periculosidade dos despossuídos, alimentando o estigma que estabelecia estreita correspondência entre classes perigosas e classes pobres. Contrasta sua posição com a de Lima Barreto que, como João do Rio, era um crítico do projeto de remodelação urbana do Rio de Janeiro, mas que assumia em suas crônicas postura militante, em termos de uma transformação estrutural da sociedade brasileira. Finalmente, Olavo Bilac revelava-se entusiasta das reformas empreendidas na cidade, como sinônimo de progresso, modernidade e civilização, e achava que as mazelas sociais deveriam ser ocultadas. Enfim, três posições diversas, que traduzem projetos políticos diferenciados, com realce para as posições ambíguas de João do Rio.

Literatura: prelúdio e fuga do real, de Margarida de Souza Neves, aborda um livro único, original, no vasto elenco das obras de Luis da Câmara Cascudo. Trata-se de texto ficcional, escrito nos anos sessenta e publicado em 1974, em que Câmara Cascudo escreve trinta e cinco diálogos com personagens históricos, alguns míticos, todos os outros mortos (um é Ramsés II, outro o Escriba Sentado, famosa estátua egípcia!). A hipótese da autora é a de que, embora esta seja de menor expressão literária no conjunto de sua obra, apresenta um balanço das preocupações intelectuais de seu autor, bem como um resumo de sua fantástica erudição. De cunho autobiográfico, *Prelúdio e fuga do real* é escrito em uma época em que seu autor publicou vários livros, delineando um balanço de sua vida e de sua trajetória intelectual. Margarida elabora uma exaustiva investigação sobre Câmara Cascudo, suas relações com o Modernismo, a discussão entre cultura letrada e cultura popular. A construção sofisticada deste belo artigo é um de seus méritos mais evidentes: para comprovar sua hipótese, a autora percorre as estantes de livros que pertenceram a Câmara Cascudo e demonstra como suas pesquisas, suas leituras e mesmo a maneira como lia e apreciava os livros aparecem nesta narrativa ficcional.

Vera Lúcia Soares, em *Representações literárias de uma 'guerra invisível': a década de 1990 na Argélia*, apresenta debate sobre a construção de uma memória social e cultural, através do conceito de representação e suas ligações com a literatura, a partir das obras de escritoras argelinas, ambas radicadas na França, confrontando-as com a historiografia especializada sobre o assunto. No primeiro caso, trata-se de narrar as memórias de uma cultura de guerra, que estabelecem continuidade entre a “guerra invisível” dos anos noventa e outras guerras ocorridas na Argélia, evocadas pela autora, Leila Sebbar, atra-

vés de duas personagens. Trata-se, igualmente, de analisar a própria realidade social dos anos noventa, mostrar sua complexidade, pois a violência narrada não se reduz à praticada pelos fundamentalistas islâmicos. A outra autora argelina considerada, Latifa Ben Mansour, em seu romance *L'Année de l'éclipse*, centra-se no conflito argelino dos anos noventa, contado sob a perspectiva de suas vítimas. Sua enorme importância reside na demonstração da complexidade daquela situação histórica, em que outros interesses, como o dos americanos pelo petróleo e pelo gás argelinos, além dos que opunham fundamentalistas islâmicos e governo militar, explicam a violência ensandecida.

Finalmente, apresentamos, de Ciro Flamarion Cardoso, *Um conto e suas transformações: ficção científica e História*. Trata-se de um artigo sobre um conto de Ray Bradbury, *Um Ruído de Trovão*, publicado em 1952, pertencente ao gênero de ficção científica e suas diversas transcódificações para outros meios de expressão. Neste artigo, mostram-se as preocupações de seu autor com História e Semiótica e a discussão acerca do impacto sobre a narrativa em questão, advindo de dois fatores: a época histórica em que as diferentes obras surgiram, bem como os meios empregados para narrá-las. O conto de Ray Bradbury foi transposto para uma história em quadrinhos de 1954, auge da Guerra Fria, ano também em que surgiu o *Comics code*, destinado a censurar as HQ destinadas ao público infante-juvenil, uma história em quadrinhos de 1993 e um seriado produzido para a televisão, de 1989. Assim, o final da história é modificado – autocensurado – na versão de 1954, pois o tiro que mata o personagem central, cujo som explica o do conto, é omitido, já que não se poderia falar em assassinatos para crianças... Outrossim, preocupações ecológicas aparecem em versão mais recente. Trata-se de um texto absolutamente original, não só pelo tema – as possibilidades de análise histórica da ficção científica – mas pela metodologia empregada, derivada da Semiótica Textual.

Esperamos que o presente dossiê venha contribuir para suscitar debates entre historiadores sobre a importância das fontes literárias para os estudos históricos, assim como as diversas metodologias utilizadas venham apresentar aos leitores as variadas possibilidades de abordagem de narrativas pelos historiadores.